



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **QUANDO A DÁDIVA SE TRANSFORMA EM CIDADANIA: A DINÂMICA RELACIONAL DA PARTICIPAÇÃO JUVENIL**

Jamile Silva Guimarães

Universidade Federal da Bahia

jamile\_sguimaraes@hotmail.com

### **Introdução**

Os diversos meios sociais são estruturados por suas características físicas, sociais, ideológicas e simbólicas, as quais se encontram dinâmica e dialeticamente inter-relacionadas (Wallon, 1986). Essas características são constituídas por elementos semióticos que mediam as relações dos homens entre si e deles com o mundo (Santaella, 1998). Wallon (1986) defende que o meio tem duas funções principais: de ambiente, contexto ou campo de aplicação de condutas (milieu), e de condição, recurso, instrumento de desenvolvimento (moyen).

A participação de jovens em ações coletivas constitui um processo educativo que objetiva intervir sobre a realidade. Enquanto elemento essencial à construção da cidadania contribui para a criação de condições necessárias para a conscientização social e o exercício dos direitos humanos.

Nesse processo o jovem é provocado a definir-se enquanto sujeito a partir da compreensão de suas experiências passadas e constituição de perspectivas futuras, fundidas na situação presente. Os significados sociais em trânsito são apropriados pelos jovens de forma específica, através de confrontos e negociações entre a reprodução da cultura socialmente organizada e as necessidades, sentidos e representações desenvolvidos no sistema valorativo da instituição (Wallon, 1995).

O contexto participativo promove experiências e aprendizagens que possibilitam aos jovens estruturar e organizar seus papéis, práticas e visões de mundo. A cultura vivenciada é concebida como fundo das interações, relações e ações que conformam o processo educativo. Como assinalam Guimarães e Lima (2010), este novo modelo de socialização lhes oportuniza construir cursos de vida alternativos, ao contrastar com os



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

referenciais negativos oferecidos por espaços originalmente fragilizados por uma dinâmica de vulnerabilidade social.

O objetivo do presente estudo é analisar como a teia de significados e valores, que conforma culturalmente o contexto institucional, estrutura e organiza a cidadania dos jovens participantes. Para tanto, busca-se apreender: (a) as bases do movimento de ressignificação dos referenciais simbólicos dos jovens, utilizando o paradigma da dádiva como referencial teórico, e (b) a dinâmica relacional estabelecida entre educadores e educandos como o espaço ontológico de desenvolvimento das formas de sociabilidade que constroem os vínculos sociais dos jovens.

## **Método**

Realizou-se um estudo de caso qualitativo com grupos de jovens de uma Organização Não Governamental (ONG) brasileira que, por meio da arte-educação, visa à formação para cidadania e a atuação comunitária de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social.

## **Contexto**

O estudo foi realizado no Centro de Referência Integral de Adolescentes (CRIA) que, atualmente trabalha com 69 adolescentes e jovens, sendo 36 do sexo masculino e 33 do sexo feminino, com um período médio de 2 a 4 anos de participação.

Fundada em 1994, esta ONG baiana desenvolveu uma metodologia de educação problematizadora (Freire, 2005) que parte da questão “Quem sou eu?” enquanto técnica para a “auto-avaliação individual e em grupo, que se traduz numa forma estética capaz de provocar consciência sobre a importância da pessoa e da coletividade nos processos de transformação” (Blog do CRIA).

A práxis educativa estrutura-se nos três dias semanais do Espaço de Linguagem e Expressão (ELE), onde as peças são criadas em parceria com os jovens, desde o planejamento das atividades e a concepção do projeto. No ELE são promovidas discussões práticas e teórico-conceituais das vivências do *sujeito jovem* em sua identidade subjetiva e matrizes culturais, nas questões sociais vivenciadas no cotidiano,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

nos problemas enfrentados na família, escola e comunidade e no resgate da História social e popular da Bahia e do Brasil.

A produção dos textos dos espetáculos é alicerçada pela leitura de textos, pesquisas, debates com estudiosos e pesquisadores de universidades locais e elaboração de artigos sobre temas como questões étnico-raciais, cidadania, sexualidade na adolescência, gênero, direitos humanos, enfrentamento da violência sexual e doméstica, saúde sexual e reprodutiva, prevenção do HIV/AIDS, uso de drogas lícitas e ilícitas e discriminação social.

Esta proposta pedagógica envolve o estímulo à participação política, por meio da inserção dos jovens em espaços de controle social e da organização de eventos para discussão de políticas públicas para juventude. Resulta não somente em ampliar seu conhecimento sobre ações, diretrizes e programas governamentais, mas, sobretudo, no exercício da voz e do poder enquanto prerrogativas básicas do direito de cidadania.

O processo de formação para a cidadania se espalha no trabalho de multiplicação do conhecimento na comunidade. Os jovens se organizam em grupos, por bairro de origem, para realizar um mapeamento sociocultural. Através da pesquisa histórica e da observação problematizadora do cotidiano, eles constituem um referencial para a elaboração de peças teatrais, vídeos e livretos sobre a história, a identidade e a situação social do bairro.

Por meio da apresentação de peças, da realização de feiras culturais e de cursos sobre estudos afro-brasileiros, promoção de uma cultura da paz e profissionalizantes em artes, a atuação comunitária dos jovens tem se transfigurado em um processo de articulação com a escola pública, o centro de saúde e a associação de moradores do bairro para o fortalecimento da participação social da comunidade.

### ***Participantes***

Foram entrevistados seis jovens na faixa etária entre 24 e 29 anos, selecionados segundo os seguintes critérios de inclusão: (1) maior tempo de permanência – relaciona-se ao maior contato com os mecanismos pedagógicos de formação educativa; (2) participantes de diferentes grupos de teatro – a diversidade de atividades e dinâmicas de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

trabalho pode resultar em distintas experiências ou oportunidades, e (3) divisão equitativa por gênero.

Todos os participantes concordaram com os objetivos e a metodologia da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Bahia (ISC/UFBA), sob o protocolo de nº 038/09.

### ***Procedimentos e instrumentos***

Para obtenção dos dados foram utilizados os seguintes instrumentos: (a) observação participante nas atividades educativas da ONG e em ações comunitárias promovidas pelos jovens entrevistados – no período de outubro de 2010 a janeiro de 2011 – para compreender os elementos estruturantes dos processos e dinâmicas de relações, aprendizagens e atividades que compõem o processo educativo; (b) diário de campo; (c) entrevistas em profundidade objetivando compreender as percepções e os significados atribuídos pelos jovens acerca da experiência da participação, e (d) pesquisa documental de materiais impressos produzidos pela ONG e de textos, reportagens e vídeos no blog institucional [criando.org.br](http://criando.org.br).

Nas seções de entrevistas em profundidade foi utilizado um roteiro como guia temático com os seguintes tópicos: (a) percepções de sua história de vida; (b) significado atribuído à participação; (c) implicações da experiência nas dimensões pessoal, relacional e societária; (d) percepção do processo participativo através das relações e interações estabelecidas no contexto, e (e) construção de um projeto existencial, através das metas e objetivos de vida.

Para o tratamento dos dados, inicialmente foram construídas categorias de análise para descrever os aspectos culturais e os objetivos da prática pedagógica da organização. Essas categorias foram articuladas com o acervo de impressões e interpretações oriundas da observação participante e da pesquisa documental para uma análise do discurso de base hermenêutica (Minayo, 1996).

**A circulação de valores no contexto participativo: a cultura da dádiva na construção de um *ethos* cidadão**



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O impacto dos diferentes contextos é fundamentalmente mediado pelas relações que se estabelecem entre os membros. Os aspectos relacionais referentes à organização e estruturação das experiências juvenis ultrapassam as fronteiras inter-contextuais (Biesta; Lawy; Kelly, 2007). Dessa forma, os entendimentos dos jovens refletem o contexto, e, ao mesmo tempo, dependem de suas experiências e compreensões anteriores.

Os diferentes contextos propiciam diferentes oportunidades de agir e ser, e, portanto, diferentes oportunidades de aprendizado da cidadania. Constantemente referida nas entrevistas, a escola foi representada pelos jovens como um ambiente que não lhes possibilita desenvolver sua expressividade. A postura autoritária do professor com a falta de diálogo e de espaços de desenvolvimento da iniciativa transforma a escola em um “ambiente expulsor” como denomina Dor (2003). O desestímulo do ambiente é expresso na fuga da sala de aula e nas contínuas repetências.

O externo da sala de aula era muito mais atrativo então, você sai mesmo. E, quando você vê, já passou, já perdeu a oportunidade. No caso, a questão de repetir a quinta série. [...] o que me seduziu aqui foi a linguagem usada: jovem falando pra jovem. Você não vê isso na escola: quando os professores entram na sala de aula, dependendo do professor, passa 50 minutos de costas para o aluno escrevendo na lousa e quando bate o sinal, ele faz a chamada e acabou. Então, acho que o CRIA acaba sendo uma fuga dessa realidade da educação. Ele ressignifica o desejo pela escola. (J1)

As experiências escolares dos jovens acompanhados foram contrabalançadas pelas relações mantidas na ONG CRIA. Fundadas na cooperação e reciprocidade, estas relações ofereceram oportunidades para atuar e exercer sua agência, moldando suas disposições de forma diferenciada. Implica, no confronto dos jovens com a teia de significados de uma cultura de valores democráticos e solidários e as significações construídas ao longo de sua história de vida.

Esse novo meio físico, ideológico e simbólico compõe uma unidade dinâmica de relações afetivas, cognitivas e sociais, que conduz a elaboração de novos papéis sociais, práticas culturais e visões de mundo. Os jovens destacaram que a instituição foi o primeiro espaço social que lhes ofereceu a oportunidade de ressignificar suas trajetórias de vida. Em contraponto, o “autoritarismo” e a “distância entre as pessoas” na escola, como apontou J6, e a criminalidade e o tráfico de drogas na comunidade são



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

constantemente referidos em seus discursos como modelos de socialização pouco favoráveis à construção de sua identidade.

As narrativas dos entrevistados possibilitaram compreender que os vínculos afetivos não aparecem como objeto visível das redes formais de ensino. Ao estabelecer uma oposição entre a postura do professor e o educador, eles enfatizam as dificuldades vivenciadas em um trabalho pedagógico que privilegia a ordem e a disciplina.

A escuta, a reciprocidade e o respeito estabelecidos pelo educador da ONG, o situam como o elo de cuidado e afeto que permite aos jovens construir um novo modelo relacional. Como relata J5, a vivência em “relações humanas” configurar-se como lastro do processo educativo:

O Jeca tinha um desejo muito forte por provocar as pessoas a se expressarem melhor, serem mais ativas, com as suas próprias vidas. [...] só de estar junto com ele, eu percebia uma energia muito forte, sentia como se fosse, eu considero Jeca uma entidade [...], que eu queria estar perto, eu queria ouvir, mesmo que não tivesse nada pra falar, eu queria estar perto ouvindo que eu me sentia mais enriquecido em matéria de conhecimento, mas conhecimento de vivência. De me alimentar espiritualmente. (J5)

O trato atencioso e a disposição para o diálogo são citados por J4 como um diferencial dessa dinâmica pedagógica:

[...] o que talvez tenha mais me chamado à atenção e tenha me conquistado de vez foi o lance da escuta, mas também tem o direito de falar quando achar que é necessário. A diferença está aí, de ter tempo e de querer também atender os questionamentos dos jovens, de ter a vontade e a satisfação de explicar, de compartilhar, de construir o conhecimento. Essa vontade, essa disponibilidade de estar junto é uma atitude do educador que reverbera nos ouvidos, na cabeça. [...] a gente está imerso na educação, mas primeiramente esse é um espaço de convívio.

Observou-se que a atitude de abertura do educador o impele a deixar-se penetrar pelo outro, ao dispor-se a penetrar o outro. Integrar a subjetividade do jovem no ambiente educacional, promovendo um intercâmbio educador-educando, que, por sua vez, gera o compromisso mútuo, como pontua J6:

[...] é preciso incentivar porque temos muita necessidade de pessoas que conversem com a gente, porque o professor não faz isso, às vezes dentro de casa a gente não acha isso. [...] eu falo é de perguntar como você esta, ou se o menino esta triste, como esta a sua vida, que cheguem mais perto. [...] não sei se isso é educar, mas pra você se sensibilizar você tem que viver um pouco do que os alunos vivem: que não seja quem manda e quem obedece, mas que seja uma cumplicidade.

Para Costa (2001), a presença amplia o conteúdo da relação pedagógica que passa a se alicerçar na afetividade, ternura e compreensão. Neste enfoque a tarefa



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

essencial do educador é comunicar aos jovens elementos para compreender e aceitar a alteridade. Enquanto processo de socialização, o ambiente educativo tem como âmago a importância atribuída a cada membro da comunidade, respeitados em sua condição de pessoa humana.

Desse modo, o educando age, não apenas por uma lei promulgada ou por medo de sanções, mas por uma ética pessoal que determina o outro como valor em relação a si próprio. Nas palavras de Costa, os “[...] laços que se desenvolvem contribuem significativamente para o existir, quando são fruto de um dar e de um receber, de um liberar e de um restringir acolhidos livremente” (2001, p. 21). Este modelo de socialização, portanto, resulta na possibilidade de desenvolvimento do indivíduo-cidadão.

A “cumplicidade” estabelecida pelo educador funda um sistema de dádiva que tem por base a cultura de compromisso com outro que lhes permite estar ali. Todo o investimento da organização no jovem tem como perspectiva seu retorno à comunidade para partilhar conhecimentos e articular grupos de ação coletiva com outros jovens. Essa dimensão valorativa origina uma consciência moral, fundamentando a internalização de uma atitude de cidadania e responsabilidade social. A ciranda solidária educador-educando-comunidade transcende em seus sentidos de vida:

Eu já dei aula de teatro no bairro e fiquei muito mais próxima das pessoas da minha comunidade. Era num lugar perto do ponto de drogas. Essa convivência me deixou muito mais preocupada, me despertou muito pra isso. Porque eu perdi muitas alunas pro tráfico, que se envolveram com traficantes e não irem mais pra aula porque eles não deixam sair. Me contavam “ele me bateu”, mas sorrindo. E é cotidiano delas, e nenhuma têm mais de 17 anos. Então, é uma realidade que eu quero mudar e vou lutar por isso, é o meu objetivo dentro da faculdade. Eu quero formar cidadãos, formar críticos, de poder dizer “Eu não quero isso, porque eu acho que não é certo”. (J6)

O sistema moral promovido pela ONG estrutura-se na dádiva que representa uma forma de associação e aliança fundada na “circulação de bens ou serviços”, cujo significado simbólico, “cria, alimenta ou recria o elo social entre as pessoas” (Godbout, 2000, p. 32).

Como afirmam Caillé (2002) e Godbout (1998), não há uma “obrigação de dar”, mas existe o interesse de fazê-lo para promover vínculos sociais. Dessa forma, a retribuição da dádiva é explicada pela existência da força espiritual, que segundo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Laniado (2004), conforma “um compromisso, uma lealdade, um crédito futuro para a retribuição, que atravessa tempos e gerações” (p. 231).

A filosofia da organização coloca em operação a tríade dar-receber-retribuir e faz circular a solidariedade como um valor. Por meio da dádiva, a rede de apoio social estabelecida contribuiu para que os jovens ressignificassem sua representação da comunidade, reposicionando-se neste espaço. Eles que outrora sentiam vergonha de morar em bairros periféricos – inclusive criando estratégias para evitar a identificação com um lugar estigmatizado pela pobreza, violência e o narcotráfico –, desenvolveram uma motivação para atuar na comunidade. Segundo os relatos, o vínculo se constituiu quando eles jovens reconheceram a potencialidade de transformação da realidade comunitária, através da ação coletiva junto com outros jovens e moradores.

Mauss (2005) enfatiza que, ao dar, as pessoas também doam algo de si mesmas, porque elas próprias estão em dívida. O sentimento de gratidão pela ONG está associado ao sentimento de obrigação de reciprocidade em relação ao doador. Simmel (2004) aborda a gratidão para tecer um laço de reciprocidade entre os homens, concebendo-a uma memória moral da humanidade, uma ponte que a alma encontra para aproximar-se do outro ao mais leve estímulo. Desta forma, “a gratidão propicia aquilo que importa na constituição e permanência da vida social: a persistência de relações para além do momento da sua criação” (Cohn, 1998, p. 57).

As dívidas geradas a partir da dádiva não são quantificáveis. Nesse sentido, Godbout (2000, p. 243) argumenta que:

[...] na dádiva há um terceiro, ou a alguém que já nos deu, a um amigo ou mesmo a um estranho, dá-se porque se recebeu; assim, está-se sempre retribuindo; mas recebe-se sempre mais do que se dá [...]. O instinto de retribuir se fundamenta no fato evidente de que nossa própria existência vem de uma dádiva, a do nosso nascimento, que nos instala no estado de dívida.

A solidariedade dos participantes se manifesta na prestação de cursos de capoeira, de teatro, confecção de adereços ou dança para jovens da comunidade e de estudos sobre a História da África em interface com a matriz cultural brasileira, Direitos Humanos e Direitos da Criança, Cultura de paz, e Participação social e Democracia para sensibilizar e mobilizar quanto à resolução de problemas estruturais que afetam o entorno.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Este aporte teórico objetiva à formação de uma consciência crítica, que se materializa na luta por melhorias de infraestrutura para o bairro e pela efetivação de direitos sociais básicos como educação, saúde e habitação. Os entrevistados ressaltam que o engajamento político resultou da modificação de sua forma de relacionamento. Como sintetiza J3, “o clima de agregar aqui do CRIA foi o que nos fortaleceu para formar redes de ação no cotidiano do bairro”.

Os valores movem a solidariedade (Godbout, 2000), entendida aqui como o sentido ético de colocar-se conscientemente no lugar do outro. Os jovens expressaram identificar-se subjetivamente com o jovem que poderiam ter sido sem o suporte oferecido pela ONG. A solidariedade, nesse sentido, conforma uma relação de responsabilidade com o outro que emerge do pertencimento e da circulação da dádiva. Essa responsabilidade está atrelada ao reconhecimento da dignidade da pessoa humana e do sentimento de obrigação moral com o coletivo.

No cotidiano das interações e atividades da organização, os valores são vivenciados, praticados e incorporados pelos jovens (Costa; Lima, 2000). Os valores emergem das percepções e significados pessoais e sociais, como parte do processo conscientizador. Observou-se que experienciar o outro no trabalho em grupo possibilita aos jovens conceber uma dimensão coletiva na interdependência dos papéis e corresponsabilidade tanto nos ensaios das peças, quanto nas ações políticas. A força do “estar juntos” promove o respeito à diferença, o comprometimento e a solidariedade. Esta aprendizagem consolida a perspectiva cidadã e confere à participação juvenil uma matriz de inserção social.

No paradigma da dádiva as ações sociais são concebidas a partir do princípio analítico da “pulsão de dom” (Godbout, 1998). Para além dos interesses individuais e das normas interiorizadas percebe-se que uma tendência espontânea para dar, que estaria na raiz constitutiva dos processos identitários. A identidade se formaria em uma rede complexa de dons e contra-dons. No caso dos jovens participantes, a identidade é forjada na perspectiva do “estar juntos” e da “força da ação coletiva”, permanentemente reforçada na corresponsabilidade pela aprendizagem dos pares na ONG, no trabalho de multiplicação do conhecimento pelos monitores em oficinas de formação, na parceria criativa da montagem dos espetáculos e na atuação comunitária em grupos cooperativos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O jovem adquire o sentimento de **nós**, formando sua identidade social à medida que identifica a si próprio nos projetos comuns e interesses coletivos. As vivências apreendidas neste espaço produzem a natureza humana em um duplo sentido, como processo de individualização e de socialização. Esses aspectos são indissociáveis, pois se a formação da identidade supõe esta capacidade de auto-identificação, exige igualmente que cada jovem reconheça os princípios que devem presidir às relações em meio social. Nas narrativas percebeu-se como os princípios de liberdade, igualdade e solidariedade constituem não princípios abstratos, mas um conjunto de sentimentos concretos vivenciados.

Com o envolvimento, você transforma sua vida em uma militância integral, em tempo integral, porque você faz isso na sua casa, no ambiente de trabalho, com seus amigos. Mas é de a gente está dialogando, provocando para estimular, contribuir com algumas mudanças de posturas, de uma forma mais simples. (J1)

O maior aprendizado, eu acho que é se sentir responsável por tudo que acontece ao seu redor. Quer dizer quando se fala em liberdade, eu percebo que a maioria das pessoas acha que liberdade é ter o poder total no sentido de fazer o que quer sem se importar com o que os outros pensam. (J5)

Eu convivo, vejo todo dia na minha comunidade aqueles que são os mais necessitados, os que usam drogas, eles são pessoas que [...] eu me sensibilizo muito porque eu fico pensando na oportunidade que eles não têm. [...] Eu falo de oportunidade de querer o melhor, de fazer o melhor. (J6)

A partir de uma abordagem associativa, a formação para a cidadania da ONG abrange o próprio percurso da vivência democrática. A democracia emerge como um modo de ser e um ideal de vida coletiva sustentada por uma moral de bem comum. Ancora-se na capacidade de transformar a situação social, *pari passu* a sua transformação pessoal, tal como expresso pelos jovens.

Foi possível observar como uma cultura primária de democracia é gerada nas atividades ordinárias do cotidiano. Configura-se em uma orientação democrática que emerge nos costumes e sentimentos antes de se constituir em ação social: compartilhar, apoiar e fazer circular valores tornam-se motores para produção dessa rede de sociabilidade, em que afetos e relações têm a oportunidade de serem ressignificados, contribuindo para a produção de vínculos sociais.

Pela escolha profissional [estilista] tenho me distanciado de alguns tipos de atuação participativa. [...] mas ainda sou acionado pelos meninos porque eu tenho essa capacidade de dar atenção, essa vontade de escutar e de ajudar. Então, eu não posso dizer não a esses meninos, eu não quero, não consigo dizer, às vezes até eu tenho outras necessidades, outras prioridades, mas vem



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

um colega que tem vontade de transformar a sua comunidade, a sua realidade social e precisa de um apoiador, aí eu termino me responsabilizando pra ajudar a escrever o projeto pra captar recursos, a fazer uma formação de cultura [...] porque o que ele está fazendo é importante e isso é função de cidadão que, sou eu. (J6)

O eu forjado nessa “coletividade íntima” (Chanial, 2001) compreende um processo de conscientização social para os jovens. Verificou-se como a partir dos ideais sociais construídos foram desenvolvendo um sentido de pertencimento. Os sentimentos e práticas vivenciados aparecem como elementos significativos na construção do espírito social.

Os jovens expressam o entendimento de democracia como uma forma de vida que constitui uma pedagogia política ancorada em sua experiência concreta de cidadãos. Eles vivem o social como uma experiência íntima, de modo a produzir um vínculo social incorporado, do qual são formadas as vontades de ação.

A lógica da dádiva inscreve a democracia na ordem das interações humanas (Chanial, 2004), evidenciando a dimensão simbólica da cidadania. Estes trechos das entrevistas de J4 e J6 ilustram a ideia da dádiva como um ciclo de reciprocidades diretas e indiretas que conformam o exercício da cidadania:

Eu aprendi que a atenção à pessoa [...] que está crescendo, que precisa de referência, que precisa de esclarecimentos, que precisa de respostas, que tá do seu lado, fazer isso, atender essa pessoa pode ser uma forma de educar, de formar cidadãos. Entender isso é estabelecer uma parceira e compartilhar esse processo. (J4)

[...] eu entendo que o que CRIA tá fazendo é despertar nos jovens essa questão de chegar na sua comunidade, buscando o apoio da comunidade, de trabalhar junto com a escola pra fazer uma palestra, uma feira cultural que mobilize o pessoal pra juntos atuar para melhorar as condições da nossa vida. [...] Eu acredito nisso e já faço isso a um bom tempo. Tudo que eu aprendo, eu levo de volta pra minha comunidade. (J6)

Os valores e significações engendrados na ONG estruturam uma cultura política de base republicana, motivando a estabelecimento de um posicionamento político proativo. Nas palavras de Eisenberg (2003, p. 145):

Os valores orientam as concepções do bem que o ator mobilizará, e a obrigatoriedade de um curso de ação a partir da especificação da prioridade de um bem naquele contexto dependerá necessariamente de sua adesão voluntária ao valor de sua ação. Na medida em que aquela eleição do ator estiver vinculada a uma concepção universalista do bem, ele poderá até propor normas que obriguem, mas a adesão dos demais continuará dependendo de um consenso voluntário ao redor de seu valor, e a legitimação das instituições sociais que do ocorrem daquele consenso estará sob a permanente pressão por renovação e reafirmação.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

De fato, a estrutura organizacional da ONG catalisa a relação dialética entre a dimensão existencial dos jovens e o universo sociocultural. O ambiente da participação estabelece uma ponte para o mundo, por meio de um acervo cultural que organiza sua estrutura de significados para pensar o mundo e compreender conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais, e a relevância destes no contexto social. Esse acervo é experienciado na circulação de ideias e valores, que intersubjetivamente vão adquirindo sentido e sendo vinculados a identidade e a subjetividade de cada jovem. Consolidando esta vertente de conscientização, vão sendo criadas as condições para que eles desenvolvam seu modo de ser.

Ao trilhar esse caminho, a pessoa se constitui sujeito, condição a qual Freire (1979) atribui a capacidade de criar a própria história. Para jovens que sofrem preconceitos, se sentem marginalizados pela sociedade e enfrentam problemas na escola, família e comunidade, o processo conscientizador possibilita elaborar novas visões e expressões de mundo e produzir sentidos desmistificadores da realidade. Dinamizar a cultura, nesse sentido, é provocar o desenvolvimento de novas relações com o social: a mudança na forma de perceber sua presença e atuação no mundo repercute na construção da identidade de “jovem criador”, capaz de transformar a si e sua sociedade. A assunção dessa identidade tece a integração com a sociedade, organizando seu modo de ser cidadão.

As ações comunitárias constituem-se como uma prática de integração social dos jovens. Trata-se de um processo formativo materializado na criação de uma rede social entre a organização, os jovens e suas comunidades de origem. Institui, assim, os “germens do dom”, a partir dos quais a sociedade produz sua invenção e sua reinvenção radical. Segundo Martins (2008), estas redes têm por função ativar os saberes e as práticas de convivialidade que alicerçam a democratização das instituições públicas.

Nessa perspectiva, o pensamento de Mauss fornece uma resposta renovada ao chamado déficit de socialização das sociedades contemporâneas (Tedesco, 1998). Esse déficit é tomado como sintoma da crise do vínculo social em função da “primeiríssima diferenciação da experiência” (Castoriadis, 2000, p. 312), na fase inicial da modernidade, que separou o magma social-cultural-afetivo que caracterizava as relações primárias, arrefecendo as relações de sociabilidade entre os atores sociais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O ambiente da participação gera um horizonte intersubjetivo de valores no qual cada um aprende a reconhecer em igual medida o significado das capacidades dos outros. Na circulação da dádiva, a participação social, associa a democracia com o crescimento dos “ideais primários” (Chanial, 2001), isto é, o conjunto de sentimentos concretos como a confiança, o respeito e a solidariedade.

As relações democráticas na ONG constituem uma experiência partilhada da cooperação, na qual os jovens vão aprendendo os princípios e procedimentos democráticos como elementos normativos de seus hábitos cotidianos. Desse modo, são tecidos e transmitidos significações e símbolos que conforma um *ethos*. Corrobora a ideia de Chanial de que para ser consistente a democracia precisa ser transformada em cultura vivida.

Ao destacar a relação entre a democracia e o cultivo de disposições solidárias destaca-se o fato de que a democracia demanda um processo formativo capaz de ativar a ligação entre a “sociabilidade primária” e a “sociabilidade secundária” (Caillé, 2002), estendendo as relações de solidariedade e pertencimento para o conjunto da sociedade.

Nos termos do sistema da dádiva, a generalização da experiência democrática não pode prescindir de uma disposição formativa. Para além dos modelos abstratos de emancipação, a cidadania conforma-se nos mecanismos de legitimação democrática do âmbito infrapolítico (Chanial, 2004). Com isso, a relação entre o bem e o justo é ressignificada a partir dos contextos concretos de ação.

### **Considerações Finais**

A contemporânea crise de valores esvai a crença pública nos papéis sociais. A execução de certos atos sociais, muitas vezes, apresenta um caráter de artificialidade. Godbout (2000) aponta que esse esvaziamento simbólico é resultado de um compromisso político e moral regido por motivações individualizadas.

Neste contexto, os papéis são traduzidos como meras obrigações impostas pelas normas e condutas sociais. Godbout defende que a crença nos papéis sociais relaciona-se ao entendimento das obrigações como ato voluntário. A obrigação é, nesse sentido, a liberdade de estabelecer relações, de dar, receber e retribuir.

O desenvolvimento da cidadania é complexo e influenciado por uma série de fatores inter-relacionados. Essas influências incluem características ou fatores



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

contextuais de educação para a cidadania e dos diversos atores que participam dos processos educacionais formais e informais (Biesta; Lawy; Kelly, 2007). De modo que, as condições de cidadania experienciadas nas relações interpessoais e institucionais – ou seja, as oportunidades de participação e engajamento –, moldem as disposições democráticas, de ser e de aprendizagem.

As instituições escolares, no entanto, têm produzido uma cisão entre os vínculos cognitivos e os vínculos derivados da sociabilidade. Enredadas com a querela do “como fazer” (Tedesco, 1998; Castoriadis, 2002) não consegue pôr em questão as próprias finalidades sociais da formação. A formação humana pode ser concebida não apenas a partir da função de transmissão dos saberes historicamente acumulados, valorizados segundo sua utilidade social, mas principalmente, em função da construção dos vínculos sociais. O processo de despersonalização faz crescer a rejeição de muitos adolescentes e jovens à escolaridade (Zaluar, 2004). Embora a frequência às redes escolares compreenda uma fase prolongada de suas vidas, elas não conseguem forjar laços entre os atores, produzindo um estranhamento entre os sujeitos envolvidos com o ciclo da doação-recepção-retribuição da educação no âmbito pedagógico.

A construção do espaço público comporta um processo de formação da identidade social, mediante uma socialização complexa no âmbito da cultura política. Tendo em vista que, a democracia constitui o meio institucional para a formação e a ação dos sujeitos, o “espírito democrático” precisa estar presente também nas organizações encarregadas de formar os indivíduos.

A análise da experiência democrática não pode estar desarticulada da reflexão em torno dos processos de formação social e educacional dos sujeitos, uma vez que as práticas de educação para a cidadania constituem o aspecto central de qualquer projeto social e cultural que pensa em modalidades de socialização e geração de vínculos para a convivência no espaço público. Desta forma, a integração social, em um contexto democrático, não se faz sem “estruturas de reconhecimento recíproco” asseguradas por um processo de aprendizagem social instituinte de uma “formação política da vontade” (Habermas, 2003, p. 308).

## Referências



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

BIESTA, G.; LAWY, R.; KELLY, N. Understanding young people's citizenship learning in everyday life: the role of contexts, relationships and dispositions. **Education, Citizenship and Social Justice**, v. 4, n. 1, p. 5-24, 2009.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalinas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CAILLÉ, A. **Antropologia do dom**: o terceiro paradigma. Petrópolis: Vozes, 2002.

CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto**: A ascensão da insignificância. São Paulo: Paz e Terra, 2002. v. 4.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CHANIAL, P. **Justice, don et association**: la délicate essence de la démocratie. Paris: Éditions la Découverte, 2001.

CHANIAL, P. Todos direitos por todos e para todos: cidadania, solidariedade social e sociedade civil num mundo globalizado. In: MARTINS, P. H.; NUNES, B. F. (Orgs.). **A nova ordem social**: perspectivas da solidariedade contemporânea. Brasília: Paralelo 15, 2004.

COHN, G. As diferenças finas: de Simmel a Luhmann. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 53-62, 1998.

COSTA, A. C. G. **Presença educativa**. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

COSTA, A. C. G.; LIMA, I. M. S. O. **Programa Cuidar**: livro do professor: educação para valores com base na ética biofílica. Belo Horizonte: Modus Faciendi; 2000. v. 1.

DOR, E. M. Relações interpessoais na família: contribuições para uma análise filosófica das relações familiares. In: PETRINI, J.C et al. (Org.). **Família XXI**: entre pós-modernidade e cristianismo. São Paulo: Companhia Iluminada, 2003. p. 45-58.

EISENBERG, J. **A democracia depois do liberalismo**: ensaios sobre ética, direito e política. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 48 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GODBOUT, J. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

GODBOUT, J. Introdução à dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, p.39-51, 1998.

GUIMARÃES, J. S.; LIMA, I. M. S. O. Evolução de capacidades: a dimensão



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

formativa da participação juvenil. In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGÍA, 7., 2010, Oviedo. **Anais ...** Oviedo: FIAP, 2010.

HABERMAS, J. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. v. 1.

LANIADO, R. N. Troca e reciprocidade no campo da cultura política. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. XVI, n. 1-2, p. 222-244, jan./dez. 2001.

MARTINS, P. H. (Org.). **A dádiva entre os modernos**: discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, P. H. De Lévi-Strauss a M.A.U.S.S. – Movimento AntiUtilitarista nas Ciências Sociais: itinerários do dom. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 105-130, 2008.

MAUSS, M. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1996.

SANTAELLA, L. **A percepção**: uma teoria semiótica. São Paulo: Experimento, 1998.

SIMMEL, G. **Fidelidade e gratidão e outros textos**. Lisboa: Relógio d'Água, 2004.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo**: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. São Paulo: Ática, 1998.

WALLON, H. O Papel do outro na consciência do eu. In: WEREBE, M. J.; NADELBRULFERT, J. **Henri Wallon**. São Paulo: Ática, 1986.

WALLON, H. **As Origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

ZALUAR, A. **Integração perversa**: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: FGV, 2004.